

# A ATIVIDADE BOTICÁRIA DOS JESUÍTAS: DOS REMÉDIOS NATURAIS AOS QUÍMICOS

## THE JESUIT'S APOTHECARY ACTIVITY: FROM NATURAL TO CHEMICAL REMEDIES

Viviane Machado Caminha\*

**Resumo:** A Companhia de Jesus se destacou desde sua fundação pelo trabalho missionário e educacional que desenvolveu, sobretudo, junto às populações nativas. Entrementes, seu campo de atuação alcançou diversas áreas científicas. Esse foi o caso da atividade boticária desenvolvida por estes no aviamento de medicamentos e que se materializou na elaboração de uma escrita de cunho médico farmacológica como, por exemplo, a *Colecção de varias receitas*, 1766. Portanto, o objetivo desse artigo é sinalizar para a produção de saber no seio da Companhia a partir da fabricação de remédios que aliaram conhecimento do mundo natural e químico.

**Palavras chave:** Jesuítas; Atividade boticária; remédios.

**Abstract:** The Company of Jesus stands out from its foundation for the missionary and educational work that developed, especially, with the native populations. Meanwhile, its field of action reached several scientific areas. This was the case of the apothecary activity developed by the latter in the sale of medicines and which materialized in the elaboration of a pharmacological medical writing, such as the *Colecção de varias receitas*, 1766. Therefore, the purpose of this article is to signal for the production of knowledge within the Company from the manufacture of medicines that allied knowledge of the natural and chemical world.

**Keywords:** Jesuits; Apothecary activity; remedies.

### *Os jesuítas e a arte de curar*

No cenário das artes e práticas de cura a atuação dos jesuítas foi marcante. Em paralelo ao trabalho missionário educacional, os inicianos se dedicaram a oferta dos *serviços de saúde*. Muito embora o exercício da medicina não estivesse previsto no ideal missionário, sobretudo no caso de áreas coloniais, era recomendado aos jesuítas que “diante de extrema escassez de

---

\* Universidade Federal do Rio de Janeiro – Doutora em História das Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em História das Ciências, das Técnicas e Epistemologia e pesquisadora do grupo de pesquisa “História das Ciências e das Técnicas no Brasil” – e-mail: vivianecaminha@gmail.com.

profissionais de medicina, não hesitem em socorrer os doentes que a eles recorriam, aliando desta sorte, à assistência espiritual, a assistência corporal”. (RIBEIRO, 1971: 172)

Excelente exemplo dessa preocupação foi o caso da América portuguesa, onde esse tipo de serviço se materializou na manutenção de enfermarias, boticas e de santas casas de misericórdia, sendo o padre José de Anchieta fundador da santa casa do Rio de Janeiro e Antônio Vieira o da de São Luís do Maranhão. Autores como Serafim Leite (1956), Lycurgo Santos Filho (1977), Lopes Rodrigues (1934) e Lourival Ribeiro (1971) destacaram a existência de enfermarias em casas, residências e missões dos jesuítas para o tratamento de religiosos, índios e os demais habitantes da colônia, tornando, dessa forma, cotidiana as atividades de servir, sanear, receitar, sangrar, operar e partejar. (RIBEIRO, 1971)

O relato do próprio Anchieta, em carta de 1554, é revelador da existência de uma enfermaria já nos primeiros tempos de colonização. Considerada a primeira enfermaria erguida em nossas terras o autor destacou que:

de Janeiro até o presente tempo permanecemos, algumas vezes mais de vinte, em uma pobre cozinha feita de barro e paus, coberta de palhas, tendo quatorze passos de comprimento e apenas dez de largura, onde estão ao mesmo tempo a escola, a enfermaria, o dormitório, o refeitório, a cozinha, a dispensa [...] (ANCHIETA *apud* RODRIGUES, 1934: 139)

Confirmando a existência desses espaços a informação fornecida por Santos Filho (1977) sinalizou que “ela [enfermaria] não faltou em qualquer estabelecimento da Companhia, por mais humilde que fosse”, o que nos dá a exata dimensão da importância dos *serviços de saúde* no seio da Ordem. O quantitativo baixo de irmãos enfermeiros ocasionou que a direção das demais enfermarias ficasse sob a responsabilidade de religiosos, de modo que todos acabaram exercendo a medicina<sup>1</sup>. Já para o século XVII, tanto doentes, quanto religiosos contaram com a assistência de um maior número de irmãos enfermeiros e mesmo alguns profissionais, “que prestaram serviços clínicos ou por amizade ou mediante remuneração”. (SANTOS FILHO, 1977: 127). Esse foi o caso de:

Manuel Mondes Monforte, natural de Castelo Branco, que chegou à Bahia a 26 de abril de 1698, com trinta e dois anos de idade, foi chamado ao colégio em junho a visitar os religiosos doentes, e ficou depois “médico espendiado”; e ainda o era em 1712. Outro médico do mesmo colégio da Bahia, dr. Manuel Nunes Leal, tornou-se benemérito, e tinha na Igreja lugar reservado para a sepultura, como ele próprio escreve ao padre Geral, rogando-lhe houvesse por bem estender a mesma graça à sua mulher e filhos. (*Ibidem*)

A presença de médicos estrangeiros também se fez visível, conforme o caso do francês, falecido em Recife em 1685, Júlio Mário e Francisco Poflitz, atuante no Grão-Pará em 1692. A descrição desses espaços permite uma visualização da organização espacial do complexo jesuíta, estando a enfermaria ocupando em geral uma vasta sala cercada por janelas e um altar ao fundo, havendo, quando possível a separação entre homens e mulheres. Contudo, no caso de impossibilidade, separando-os “com pequenos biombos ocultavam-se as mulheres aos olhares dos homens”. (*Ibidem*)

Cabe destacar que houve um constante processo de aperfeiçoamento dos conhecimentos sobre medicina através não apenas do contato com médicos, mas também com a leitura de diversos tratados da época que marcaram presença em bibliotecas dos Colégios jesuítas espalhados pela colônia. Assim, foram encontrados no catálogo da livraria do Colégio do Pará:

vários volumes de medicina pouco mais ou menos 20 dentre os quais, *Erário Mineral* de Luís Gomes Ferreira; *Luz verdadeira e recompilado exame de tôda a cirurgia* de Antônio Ferreira; *Luz da Medicina* de Francisco Morato Roma; *Farmacopéia Lusitana*, obras de grande importância para o exercício da medicina na época, em Portugal e no Brasil. (RIBEIRO, 1971: 174)

Ao descrever em termos de *serviços de saúde* aquilo que vivenciaram no cotidiano, os cuidados e providências tomadas e a forma de remediar uma infinidade de moléstias, a prática médica terapêutica dos jesuítas revelou elevado grau de inserção na estrutura médica da Época Moderna. Autores como Santos Filho afirmaram que os inicianos “deixaram em suas cartas o sinal de sua atividade hipocrática – uma espécie de tratado clínico-cirúrgico de sua medicina”. (SANTOS FILHO, 1977: 122) Já Lopes Rodrigues intitulou José de Anchieta como o “Galeno jesuítico do Brasil”, uma vez que:

Mezinhou, operou, sangrou, partejou, pensou, exumou; curou feridas bravas, cancos, mordeduras, envenenamentos; assistiu a velhos e a infantes; moribundos e alucinados; sarou feridos de guerra, frechados, massacrados; combateu pestes, infecções, febres, epidemias, suicídios; sugestionou, persuadiu; aliviou aflitos e moribundos, inhumou aos mortos, finalmente, descreveu doenças e doentes, casos que são, hoje, a nosologia nativa, ordenada em o depoimento das celebres cartas que escreveu de seus milagres, de suas abnegações e de suas obras medicas. (RODRIGUES, 1934: 247-248)

Atuando como físicos, cirurgiões e barbeiros, os jesuítas largamente laçaram mão da flebotomia, ou seja, a prática da sangria, derivada do conhecimento hipocrático sobre o equilíbrio de humores, apesar da proibição da Igreja da efusão de sangue. Sobre essa questão, os inicianos requereram junto ao Papa Gregório XIII dispensa quando esta fosse necessária,

sem que houvesse outra pessoa que a pudesse fazer. Assim, o fundador da Companhia, Inácio de Loyola, sinalizou que “quanto às sangrias, digo que a tudo se estende o bojo da caridade”. (SANTOS FILHO, 1977: 125) Dessa forma, tal prática foi largamente utilizada nos tratamentos, por exemplo, de surtos epidêmicos de varíola e priorizes. Conforme relato de Anchieta é possível perceber a necessidade desse tratamento ao destacar que:

Acudimos a todo o gênero de pessoa, Português e Brasil, servo e livre, assim em as cousas espirituais como em as corporais, curando-os e sangrando-os, porque não ha outro que o faça, e principalmente as sangrias são aqui mui necessárias, porque é mui sujeita esta terra a priorizes, maximé em os naturais dela, quando o sol torna a declinar para o Norte, que é em o mês de Dezembro, e daí por diante, e si não acudissemos com sangrias, não havia duvida se não pereceriam muitos, assim como isto temos melhor entrada com eles para lhes dar a entender o que toca à saúde de suas almas, (RODRIGUES, 1931: 258)

Além da oferta do serviço de enfermagem, foi lugar comum nos estabelecimentos jesuítas a instalação de boticas para o fabrico de medicamentos. A manutenção desses espaços nos colégios jesuítas ocorreu em todas as localidades por onde os inicianos atuaram, da Europa à América. Para o caso português, assinalam-se duas importantes boticas em Lisboa, a do Colégio de Santo Antão e a da Casa Professa de São Roque, muito embora houvesse o estabelecimento desses espaços também nas cidades de Évora, Coimbra e Bragança.

Segundo descrição que nos forneceu José Pedro S. Dias (2009), a botica do Colégio de Santo Antão era constituída por três divisões, funcionando, respectivamente como sala de atendimento ao público, armazém e laboratório. Tal botica produziu um total de 566 receitas de medicamentos, fato que apontou que não possuía como função apenas o atendimento interno do Colégio, mas, também, se destinou ao público em geral, conforme possível perceber por meio de seu inventário. Datado de 5 de fevereiro de 1759 o mesmo trouxe dentre outras informações, o registro da importação de medicamentos para as boticas da nau que saiu para o Rio de Janeiro, a Índia, Pernambuco e Angola. Assim, como também se encontraram referências sobre dívidas pelo fornecimento de medicamentos para o “Convento de Nossa Senhora da Graça, o Noviciado e o Colégio de Santo Agostinho da Graça e o Mosteiro do Desterro”, bem como clientes particulares como a família real e altos funcionários da burocracia portuguesa. (DIAS, 2009: 299)

No Oriente, os Colégios jesuítas de Goa e Macau se tornaram populares pelos medicamentos desenvolvidos em suas boticas, onde atuaram indivíduos “hábeis nas artes médicas e, ao longo do tempo, grandes conhecedores das drogas medicinais da região”. (MAIA

apud AMARO, 1997: 54) Sobre a botica do Colégio de São Paulo de Macau (1565) sabemos que preparava medicamentos de “composição secreta [...] que tiveram tanta voga e que levadas pelos jesuítas chegaram aos confins do Extremo Oriente, até Pequim, usadas até pelo Imperador da China, e mesmo à Rússia”. (*Idem*, p. 114)

Na América platina se destacou a botica do Colégio de Córdoba (1638) como importante referência. Ressaltou Eliane Fleck que, além de principal local para o tratamento dos doentes, este se constituiu em importante centro de formação da Companhia, “acolhendo também para tratamento membros da ordem que atuavam nas regiões próximas”. (FLECK, 2014: 283) Entre tantos boticários, o padre Segismundo Asperger (1687-1772) propiciou importante contribuição por ter trazido “vasto conhecimento sobre práticas curativas e plantas medicinais, já que, durante o período de sua formação, trabalhou junto a um hospital na Europa” e no Novo Mundo escreveu um receituário chamado *Tratado breve de medicina* (Manuscrito s/d), relacionando variadas plantas nativas, bem como sua aplicação. (*Idem*, p. 287)

Ainda na América platina, o inventário da botica do Colégio Máximo do Paraguai informou sobre os livros utilizados nesses espaços, destacando-se “15 libros de farmacopédia (14 en folio y uno en cuatro), 15 en folio de medicina de varios autores, 30 libros en cuatro en lengua alemana de varios autores”. (*Ibidem*, p. 128) Deste número de livros encontrados na botica destacam-se “*Arte de Botica*, de Alphonsus Fubera, *Tratado de Botica*, de Luis de Oviedo, *De Re Medica*, de Pachus Aigiteta, *Opera Medica*, de Donato Antonio Altomare, *Fructus Medicina e Tractatus Medicina*, de Jeannes Amatus”, entre outros. (*Ibidem*, p. 129)

Tem-se também conhecimento do caso da botica do Colégio Máximo de San Miguel, localizado no Chile e estudado por Julio Vera Castañeda. Segundo o autor “la botica de los jesuitas nace para atender las necesidades de los hermanos de la orden, no obstante, su desenvolvimiento material permitió la venta al público de las medicinas elaboradas dentro del Colegio Máximo”. (CASTAÑEDA, 2016: 16) Informou o mesmo autor que além da botica do Colégio Máximo de San Miguel, também a botica do Colégio de San José, em Concepción, produziu medicamentos em quantidade significativa para a comercialização.

Na América portuguesa, estes locais também se situaram no interior dos Colégios, estando próximos às enfermarias, sendo descritas como parte de um complexo arquitetônico, constituído por:

uma sala e uma oficina; a loja ou farmácia propriamente dita, onde estavam os remédios à disposição do público, presidida por uma imagem, que habitualmente era

a de Nossa Senhora da saúde; e a oficina ou laboratório, onde se fabricavam os medicamentos. (LEITE, 1956: 92)

É provável que existissem boticas em todos os Colégios jesuítas da América portuguesa, que eram num total de 17, quando do momento da expulsão dos inicianos em 1759. Mas sabe-se, com certeza, “das boticas dos Colégios da Bahia, Rio de Janeiro, Recife, São Paulo, Maranhão e Pará”. (LEITE, 2013: 72) Das informações reunidas sobre esses espaços, sabemos que se encontravam paramentados com uma série de objetos e instrumentos, de forma muito semelhante às boticas espalhadas pelo reino e nas possessões portuguesas do ultramar. Sabe-se também que as boticas dos Colégios jesuítas tiveram a função de abastecer outras boticas, sendo bastante procuradas, sobretudo, em períodos de surtos epidêmicos:

No Rio de Janeiro a botica do Colégio prestava serviços de fornecimento de medicamentos às boticas da cidade, e não se limitava a isso; enviava vários remédios para as boticas das aldeias e fazendas e dava assistência aos padres, estudantes e servos. Punha também os medicamentos à disposição da cidade, por ocasião de epidemias, seja no Brasil, ou mesmo em Portugal. (RODRIGUES, 1934:127)

Como podemos perceber da descrição acima, as boticas não foram espaços privativos dos Colégios jesuítas, podendo ser encontradas em fazendas, tanto na América espanhola, quanto portuguesa. Esse foi o caso da botica da Fazenda de Campos Novos e Campos dos Guaytacazes, pertencentes ao Colégio jesuíta do Rio de Janeiro. Lá foram encontrados além dos livros “Tradición de Deocórides do médico Laguna; Atalaya da vida, Observaçõez médicas e Poliantéia Medicinal do autor Curvo Seme de; Pahrmacopea Luzitana do autor Caetano de Santo Antônio dentre outros”, uma variedade de medicamentos. (TEIXEIRA, 2006: 3) Dentre estes se destacaram:

17 purgas de jalapa, 18 vomitórios de tártaro, 7 purgas de rezina, 5 purgas de batata, um estojo com duas lancetas, 12 papelinhos de pírolas Angélicas, 7 purgas de rum, 1 vidrinho de óleo de copaíba, 1 lata de triaga brasílica, 1 lata de trementina, escarrador, 2 vidros de óleo de amêndoas e outros. (*Idem*, p. 4)

Tendo em vista esse quadro, nos parece, portanto, relevante refletir sobre a função, para além da social, desempenhada pelas boticas jesuítas. Muito embora a prerrogativa da obra caritativa estivesse presente nos *serviços de saúde* ofertados pela Ordem, o caso das boticas dos inicianos vai além, uma vez que se configuraram em espaços de desenvolvimento do saber farmacológico e produção científica. Nesses locais, além de medicamentos desenvolveu-se um novo tipo de saber proveniente da utilização de formas e fórmulas europeias aplicadas à fauna e flora local e que se materializou através da escrita.

### *A escrita médico farmacológica jesuíta*

Ao longo de sua atuação, os jesuítas desenvolveram cadernos manuscritos onde foram reunidas informações sobre a flora e fauna das regiões em que atuavam, bem como cadernos de receitas de medicamentos, onde se evidenciou o saber médico farmacológico e a organização do conhecimento científico<sup>2</sup>.

Dentro dessa segunda tipologia se destacaram importantes coleções organizadas no decorrer do século XVIII. A primeira obra que merece destaque foi organizada sob o título *Árvore da vida dilatada em vistosos e salutíferos ramos ornados de muitas, aprazíveis e saudáveis folhas em que se deixam ver muitos e singulares remédios assim simples como compostos que a Arte, a experiência, a industria e a curiosidade descubrio para curar com facilidade quase todas as doenças, e queixas, a que o corpo humano esta sogeto principalmente em terras destuídas de Médicos e Boticas*, elaborada em 1720 pelo padre Affonso da Costa, atuante na província de Goa. O nome dado à coleção se deu em função de sua organização em formato de árvore formada por dois troncos, estando as receitas de medicamentos reunidas em ramos, estes representando cada uma das letras do alfabeto. Contudo, infelizmente, a referida obra não se encontra na íntegra, com exceção da primeira parte da coleção, pertencente ao acervo do *Wellcome Institute for the History of Medicine*, localizado em Londres.

A intenção do autor ao organizar essa coletânea de receitas ficou bastante clara ao destacar que:

Para que em huma so Arvore se achassem remédios para todas as doenças, o meu particular empenho foi buscar sementes medicinais e todas as quatro partes do mundo, de cuja virtude unidas em hum so corpo a custa do trabalho, desvelo e rego de suores de mais de trinta anos sahisse essa Arvore da Vida (...). Se difunde para todo o universo, possa conservarse sempre vistoz, sempre florente e sempre profícua, para utilidade de todos os vassalos de D. Magestade em todo o Reyno e suas conquistas, ou ao menos nesse Oriente tao destituido de Medicos, de Boticas e de remédios, motivo único que me moveo a tomar sobre mim o trabalho de crear, e cultivar com tanto desvelo essa nova Arvore que so a D. Magestade deve ser oferecida, porque so D. Magestade merece que lhe seja consagrada. (MAIA, 2012: 50-51)

A difusão do conhecimento sobre enfermidades e medicamentos além de claramente explicitado acima também apareceu na minuciosa descrição dos sintomas das doenças, ressaltando, em alguns casos, aspectos como textura, cor e odor. Bem como na apresentação

das receitas, onde havia além dos ingredientes necessários, o modo de preparo, a posologia e apresentação da fórmula e a indicação de pesos e medidas da mesma, seja em libras e onças ou em medida vulgar como “um pouco, duas ou três mãos cheias”. (*Idem*, p. 52) Indo um pouco além da cura por meio de remédios, a obra ainda apontou para a utilização de amuletos na busca do restabelecimento da saúde, ponto que nos levou a identificar a mentalidade mágica de mundo também no campo da medicina.

Um ponto a se considerar nesse material é que as receitas eram oriundas do prestígio das populações, coexistindo, dessa forma, no receituário medicamentos provenientes tanto da medicina europeia, quanto de outras regiões, em verdade, “de todas as quatro partes do mundo”. (*Ibidem*, p. 57) Outro ponto a ser destacado era que havia intenção de publicação e tradução da coletânea para outros idiomas, uma vez que foi escrita em português, o que evidenciou mais uma vez a intenção da difusão e divulgação. Tal ponto foi sinalizado pelo autor quando afirmou que:

Prouver a Deos que houvesse algum curioso, que movido do zelo e charidade tomasse a sua conta traduzir essa obra na lingoa dos Mouros e Gentios dessa Ásia; porque sem duvida seria grande a utilidade que disso se seguiria e se chagasse a ampar-se nos mesmos idiomas em que se vertesse, seria incomparável o lucro porque não haveria Mouro, nem gentio que soubesse ler que não quisesse comprar por todo o preço, e me persuado por muitos e bons fundamentos que ainda entre Catholicos, Europeus e Asiáticos desse Estado escassamente achara caza que não compre essa obra depois de impressa. E athe em Europa e América aonde se pratica o idioma português, cuido eu que os curiosos principalmente em terras destituídas de Médicos, Cirurgioens e Boticarios a quererão ter consigo (...). (*Ibidem*, p. 58)

A segunda obra que merece atenção se chama *Libro primero de la propiedad y birtudes de los arboles, plantas de las misiones y provincias de Tucuman, com algunas del Brasil e del Oriente*, obra de 1711 de autoria do jesuíta Pedro de Montenegro, atuante na província do Paraguai<sup>3</sup>. Logo na introdução desse compêndio composto por 184 páginas, o autor deixou claro que a obra foi organizada seguindo uma divisão em duas partes, onde primeiro tratou da propriedade e das virtudes das árvores e plantas menores, com estampas e informações sobre várias espécies e, em seguida, de ervas e raízes comestíveis, apresentando diversas tabelas e avisos. A *tabla de los nombres de los árboles y yerbas*, distribuída ao longo da obra, trouxe nomes em castelhano, mas também em guarani e tupi, apontando para um alto grau de interação entre os inacianos e as populações nativas. Em uma das muitas advertências contidas na obra, Pedro de Montenegro ressaltou que:

Conviene que cada cosa se coya y guarde a su tiempo, en su propria sazón y con las circunstancias que se dirá, porque según esto se hiciere serán las medicinas



provechosas o dañosas e vanas, quiero dicer, serán eficaces, en su obrar o de ningun alivio, y así por consecuencia pueden ser danosas o a lo menos sin efecto. Han que se coger en tiempo sereno, que va mucho en cogerlas en tiempo seco o húmedo y que la luna esté menguante en el último cuarto. Son de muchas más virtud las de serranías y tierras encumbradas que las de los llanos o campañas o partes sombrías y montuosas o lugares acuosos porque la de serranías son criadas combatidas de ventos fríos y secos con los cuales tienen sus virtudes unidas sin que el calor se las haga evaporar y así mismo son menores y tienen la virtud más unida. (MONTENEGRO, 1711: 97-98)

Pelo descrito acima, verificamos que no documento produzido em terras do Novo Mundo o autor também teve o cuidado de indicar o momento, lugar e a forma propícia para a coleta de ervas, raízes ou folhas. Mas, igualmente chamou atenção o fato de indicar na parte denominada *Advertencias para el uso de las plantas* as quantidades, proporções e o modo de preparo de algumas ervas nas receitas ao sublinhar que:

[...] cuando se dice en infusión se echa doble cantidad de la matéria que cuando se dice caliente, como agua, vino o aceite alguna cosa y es en dos maneras. La primera es estando el licor hirviendo echar la matéria y apartándolo del fuego teparlo muy bien hasta que se enfríe o el tiempo que pide cada cosa, el segundo modo es: estando el licor caliente y apartado del fuego echar la materia y puesto sobre ceniza caliente por algunas horas removiéndolo de cuando em cuando sacar, sin enbullición alguna, su sustancia a fin de ser muy sutil y evaporarse. Hay algunos simples que piden leve cocimiento cual es en sen, la borraja, el culantrillo, la lengua cerbina, el mechoacán y otros de semejantes cualidades porque de darles mucho cocimiento no sólo surten efecto, pero hacen lo opuesto por sacar partes térreas o viscosas que embotan y cierran la puerta a sus virtudes primarias por haberse evaporadopor el vapor de la ebulición las partes sutiles, las cosas leñosas, y densas no sólo piden cocimiento, sino que piden estar de remojo antes 24 horas o a la menos 12 horas y cocimiento de consumisión de la mitad del licor, las flores y yerbas de partes muy sutiles, sólo piden remojo de agua caliente como el canchelagua, torocaa y poleo. (*Ibidem*, p. 107-108)

Cabe aqui destacar que o *Libro primero* foi publicado em versão impressa em Buenos Aires no ano de 1945 sob o título de *Materia Medica Misioneira*. A obra reuniu um total de 458 páginas contendo 148 desenhos de plantas, onde apareceram pormenorizadas as propriedades terapêuticas da flora local, além de um receituário<sup>4</sup>. Alguns estudiosos ressaltaram que a obra tinha como intenção funcionar como uma espécie de guia para ser utilizado em localidades distantes dos centros urbanos, auxiliando, por exemplo, os missionários que se encontravam concentrados nas reduções.

A constante observação da natureza permitiu ao jesuíta descrever propriedades curativas de plantas com base em seu uso pela fauna local. Esse foi o caso da descrição das virtudes do *ceibo* (*Ceiba pentandra*), também conhecido como *sumaúma* ou *corticeira*, pois:

Esse remédio usa muitas vezes o tigre para resfriar o ardor de suas unhas envenenadas de grande calor e unidade o qual subindo nele aranha sua casca profundamente até a

mesma vara deixando-a como sapato [ilegível], com o qual se refresca e volta muito rápido para suas caças e pescas. (MONTENEGRO *apud* FLECK; POLETTTO, 2012: 1125)

Outra descrição interessante presente na obra fez referência a plantas de utilização diversificada como a *coniza mayor* ou *zaragatona* (*Plantago psyllium*), que tanto poderia ter a função de pesticida, quanto, na forma de emplastro, possuía efeito abortivo e purgativo. Encontramos ainda na obra de Montenegro, a semelhança da obra de Affonso da Costa, evidências do caráter mágico ritual em recomendações de práticas terapêuticas e processos de cura. Segundo Fleck e Poletto a associação entre plantas e o evangelho se aproximou daquilo que ficou conhecido como ervanária dos sinais, segundo a qual “dada a existência de Deus, as plantas curativas são portadoras das marcas que indicam aos homens suas virtudes terapêuticas”. (FLECK; POLETTTO, 2012: 1127) A menção ao poder e utilização dos amuletos também se fez presente na obra quando indicou para o tratamento de varíola a utilização de quatro folhas de *calamita menor* (*Clinopodium nepeta*) e duas onças de açúcar junto a pedra bezoar<sup>5</sup>. Evidenciando a influência da magia na medicina a obra também contou com uma receita que, entre outros ingredientes, utilizava uma cabeça de carneiro.

Na obra apareceu, por fim, a influência dos astros nos processos de cura verificáveis nas recomendações de períodos certos, como o mês ou a fase da lua, para a colheita das ervas necessárias para o preparo das mezinhas, conforme o caso do *sangue de dragão* que deveria ser colhido “no último dia de lua crescente, deve-se fazer incisões na árvore no mês de julho ou agosto”<sup>6</sup>. (*Ibidem*) A influência exercida pelos planetas nas práticas terapêuticas apareceu na descrição de uma planta chamada *guembe* (*Philodendron bipinnatifidum*) indicada para males do estômago, uma vez que:

Essa planta se sabe ser procriada do planeta sol pois todas as partes estão dizendo como se vê em parte um pouco frias [ilegível] frutifica por ser pouco ajudada e nele fortalecida. Tem grandes influências de Marte sendo inimiga dos coléricos, e atrai muito a Terra com suas raízes pelo muito que ela recebe da lua e por isso é tão venenosa cozida ao crescente da lua. (*Idem*, p. 1129)

Outro documento de autoria jesuíta que se enquadrava na tipologia de cadernos de receitas médicas foi a coletânea de 688 páginas intitulada *Colecção de varias receitas e segredos particulares da nossa Companhia de Portugal, da Índia, de Macau e do Brasil. Compostas e experimentadas pelos melhores médicos e boticários mais celebres que tem havido nestas Partes. Aumentada com alguns índices e notícias muito curiosas e necessárias*

*para a boa direção e acerto contra as enfermidades*, de 1766 e autor desconhecido<sup>7</sup>. Serafim Leite (1953) destacou que o organizador da referida obra provavelmente teria sido ligado à Assistência de Portugal e “passado por diversas missões ultramarinas, inclusive o Brasil”, sobretudo, pelo fato do documento ser todo escrito em português e por reunir receitas de medicamentos produzidos nas boticas atreladas ao Império português e suas conquistas, com exceção de uma receita ligada ao Colégio Romano. (LEITE, 1953: 87)

O documento reuniu um total de 260 receitas de medicamentos e, até onde se sabe, tinha a intenção de ser publicado, uma vez que havia todas as licenças necessárias para esse trâmite em Roma, muito embora isso nunca tenha acontecido. Tal fato, fez com que estudiosos levantassem hipóteses, principalmente, no sentido da lucratividade que o comércio desses medicamentos garantiu para a Ordem, tendo em vista que muitos ali reunidos faziam parte do rol dos remédios de segredo, aqueles que possuíam fórmulas secretas conferindo poder e prestígio para seus detentores.

Há ainda que se ressaltar que ao afirmar a necessidade de cautela e escrúpulo ao lidar com os medicamentos de segredo contidos na *Colecção*, por se tratar de coisa atrelada à religião, ou seja, a Deus e não ao homem, o autor revelou uma visão de mundo onde a prática de negócios, e conseqüentemente a aquisição de lucro, não iam de encontro aos preceitos religiosos. Pelo contrário, nessa perspectiva, a vida do jesuíta se resumia à atitude de humildade no servir, o que justificava suas ações em decorrência da subordinação à Deus, pois “se o inaciano encontra Deus em todas as coisas, o servir orando, pregando, trabalhando, administrando colégios e fazendas constituíam meios diferentes de encontrar o seu fim essencial de servir Deus”. (ASSUNÇÃO, 2009: 242)

Ainda na parte referente ao prólogo, o autor da obra relatou que na organização do material além das receitas de medicamentos produzidos nas boticas jesuítas que estiveram ligadas à assistência a Portugal, a saber: América portuguesa (Bahia, Recife e Rio de Janeiro), Macau, Goa, Évora e Lisboa (Santo Antão e São Roque), também constava uma receita de medicamento proveniente do Colégio Romano, como o caso da *Triaga optima* (COLECÇÃO DE VARIAS RECEITAS, 1766: 413)

Em uma perspectiva geral, apesar da obra não possuir divisões ou subdivisões oficiais, a análise do documento nos forneceu a seguinte estrutura: receitas de medicamentos produzidos em boticas jesuítas em Portugal e no Oriente, receitas de medicamentos produzidos nas boticas

jesuítas da América portuguesa, receitas de irmãos boticários do Brasil, receitas de autores médicos/farmacêuticos leigos e, finalmente, receitas sem a indicação do autor.

É importante sinalizar que o autor organizou a apresentação dos medicamentos na *Colecção* utilizando a ordem alfabética, ou o princípio do dicionário, em detrimento da organização por temas. Peter Burke esclareceu que aquela passou a se tornar mais visível na organização de enciclopédias a partir do século XVII, embora conhecida desde a Idade Média.

Segundo o autor:

O que era novo no século XVII era que esse método de ordenar o conhecimento deixava de ser o sistema de classificação subordinado para se tornar o sistema principal. Hoje o sistema pode parecer óbvio, e mesmo “natural”, mas parece ter sido adotado, pelo menos originalmente, em função de uma sensação de derrota por parte das forças da entropia intelectual numa época em que o novo conhecimento invadia o sistema com velocidade excessiva para ser digerido e metodizado. (BURKE, 2003: 88)

Ao longo do século XVII a classificação do conhecimento segundo a ordem alfabética se tornou progressivamente comum, uma vez que facilitava a consulta de um leitor ávido por respostas, poupando seu tempo pela objetividade que oferecia. Entretanto, o conflito com o sistema de classificação temática do conhecimento persistiu por todo o período, sobretudo, porque este privilegiava aquilo “que d’Alembert chamou de “*l’enchaînement des connaissances*” [o encadeamento dos conhecimentos]”. (*Idem*, p. 144) Dentro dessa perspectiva, o conhecimento se tornava mais abrangente na medida em que a leitura de dado tema permitia a interação do leitor com outras disciplinas.

A observação desses cadernos de receitas de medicamentos deixou evidente o conhecimento e interação dos inicianos com uma vasta gama de concepções médico farmacológicas típicas do período Moderno. Interpretações e visões sobre a enfermidade muitas vezes conflitantes como, por exemplo, as de cunho hipocrático galênico herdadas do mundo antigo e as de inspiração paracelcista, passando pela iatroquímica e a homeopatia foram largamente encontradas. Esse comportamento foi atribuído ao homem moderno, que se dedicou a tarefa de desvendar e esmiuçar o funcionamento do corpo humano em uma escala nunca antes vista, lançando mão de diversos expedientes na busca por restabelecer a saúde ao corpo enfermo. Como consequência direta desse cenário, os jesuítas se dedicaram ao aviamento de medicamentos de origem natural e também químico.

Os remédios arrolados na *Colecção de varias receitas* permitiu-nos identificar as moléstias mais frequentes que assolavam o cotidiano das populações, bem como as formas de tratamento desenvolvidas. Para o caso da América portuguesa, temos que as fórmulas de medicamentos se destinavam, preferencialmente, para a terapêutica das doenças de pele, anemia e sífilis. Entrementes, foram produzidos medicamentos de efeitos variados, sendo estes:

eméticos ou vomitórios 7; purgantes 6; para febres e sezonismo 4; para enfermidades das senhoras 4; para chagas e feridas 3; para vermes intestinais 3; para tumores duros 3; para apoplexias 3; para paralisia 2; para histerismo 2; para lobinhos, verrugas e cancos (não malignos) 2; para doenças dos olhos 2; para dores de cabeça 2; e um específico para cada uma das seguintes enfermidades: do peito, coração, estômago, cólicas, disenterias, varíola (remédio que se apresenta não como eficaz em todos os casos, mas útil), reumatismo, gota, hidropisia, epilepsia, escorbuto, insônia e mordeduras de cobras.(LEITE, 1956: 13)

Sem dúvida, grande destaque obteve a *Triaga Brasília Celeberrima em todo aquelle novo Mundo da Botica do Collegio da Bahia*. No receituário havia a indicação do local onde se poderiam encontrar muitos dos ingredientes necessários a preparação desse medicamento, dentre eles a *erva-caacica* (*Euphorbia pilulifera* L.), *erva-de-sangue* (*Cuphea glutinosa*), *raiz de capeba* (*Pothomorphe umbellata*), *raiz de jaborandi* (*Pilocarpus microphyllus*), *raiz de jarro* (*Zantedeschia aethiopica*), *raiz de pagimirioba* (*Cassia* L.), *sementes de neambus* (*Coriandrum sativum*), *cipó-de-cobra* (*Jatropha elliptica*), e *jararacas* (*Bothrops jararaca*), todos facilmente encontrados no Colégio da Bahia ou em sua quinta. A criação de *jararacas* pelos jesuítas, por exemplo, se dava em função da preparação dos chamados *trociscos de víboras* ou *jararacas*, feitos após a carne seca das jararacas ter passado pelo processo de pilagem e virado um pó, que era então misturado a outras substâncias para ganhar a forma de pastilha.

Conforme sinalizamos anteriormente, algumas das receitas acima listadas foram produzidas em diferentes boticas jesuítas que estiveram ligadas ao Império português. Tal fato abre espaço para refletirmos sobre o intercâmbio do conhecimento botânico entre estas, além de apontar para o processo de operação em rede dentro da Companhia de Jesus. Das receitas manipuladas na América portuguesa presentes na *Colecção de varias receitas* se destacaram quatro pelo fato de também serem produzidas em outras boticas jesuítas de Portugal e do Oriente. Este foi o caso do *Balsamo Apopletico*, produzido nas boticas da Bahia, Macau e São Roque, e indicado para a “todo tipo de apoplexia, [além de] rebate vertigens, conforta o cérebro,

resiste aos ares corruptos e preserva da peste”. (*Ibidem*, p. 66) O mesmo deveria ser inalado, conforme indicação na receita ou mesmo ingerido “pela boca para excitar o acto venereo”. (Idem)

Na formulação de tal medicamento, nas boticas da Bahia e Macau, se utilizava “almíscar, âmbar griz, olio de canella, olio de cravo, olio de manjerona, olio de pos de Rhodes, olio de alfazema, olio de salva, olio de noz moscada expresso, bálsamo do Brasil e poz de çapatos [?]”, perfazendo um total de 11 ingredientes. (*Ibidem*, p. 65) Já na formulação do mesmo medicamento na botica de São Roque, com exceção da *salva* e do *pó de çapato*, todos os outros ingredientes fizeram parte da composição, sendo a eles acrescentado “âmbar concentrado, olio de alambre e olio de arruda”. (*Ibidem*, p. 68) Interessante de perceber foi que a *Copaíba*, (*Copaifera langsdorffii*) também conhecida como *Bálsamo do Brasil* ou *dos jesuítas*, planta típica da América, apareceu como ingrediente comum dessa receita, fosse ela fabricada no Novo Mundo, no Reino ou no Oriente, o que permite vislumbrar a dimensão alcançada pelo intercâmbio botânico entre a rede de boticas, além do processo de operação em bloco da Companhia.

Para além do medicamento acima mencionado, na *Colecção de varias receitas* também se encontrou o *bálsamo do Brasil* ou *dos jesuítas* como matéria-prima utilizada na fabricação de diversos outros medicamentos como, por exemplo, o *Bálsamo para Empigen* (doenças de pelo), o *Bálsamo Apoplético*, a *Caçoula admiravel*, o *Emplastro para dores de cabeça*, o *Linimento para Empige*, a *Pillula Hiterica*, a *Tintura estomacal*, a *Triaga Brasílica*, a *Nova Triaga Brasílica*, os *Trociscos de jararaca*, o *Unguento de azougue*, *Unguento para empijas* e o *Unguento preservativo das erpes*. Cabe destacar que esses medicamentos eram, em sua maioria, de uso polivalente, sendo aplicado desde doenças de pele, passando pela cicatrização de feridas, até dores de cabeça e herpes.

Além da *Copaíba* outros ingredientes da flora e fauna foram comuns a diversas receitas como o caso do *âmbar*, *almíscar*, de qualidade sudorífica, *ópio* (anfião), *flores* como rosas e papoulas, *olhos de caranguejo* (carbonato de cálcio - CaCO<sub>3</sub>), ingrediente de efeito absorvente e consolidante, *cinzas de coruja*, *frutas*, como a laranja, *açafrão*, *cravo*, *canela*, *noz moscada*, *sal*, *sebo de cabrito*, *água rosada* e *água de flor*, *sangue de bode*, *dente de javali*, *água ardente* e *sândalos*. Bem como se fez largo uso de elementos químicos, tais como *mercúrio* (Hg), *enxofre* (S), também denominado *flor de enxofar*, *chumbo* (Pb), *antimônio* (Sb), conhecido comumente como *chumbo dos filósofos*, *pedra de cervar dos químicos*, *pedra de saturno* ou

*saturno dos filósofos*. E também seus compostos como o *vitriolo calcinado* ( $H_2SO_4$  – ácido sulfúrico diluído) e o *sal de chumbo* ( $Pb(C_2H_3O_2)_2$  – acetato de chumbo).

Seguindo dentro da perspectiva dos medicamentos produzidos em mais de uma botica jesuíta, encontramos um remédio de efeito admirável, como o próprio nome propagandeou, o *Emplastro admiravel para a Espinhella*, produto das boticas do Colégio da Bahia e de São Roque<sup>8</sup>. O medicamento era indicado para “qualquer fraqueza da boca do estomago, e para a espinhella, aplicada em couro de luva no lugar da dita espinhella por 15 dias, ou até se desfazer”. (*Ibidem*, p. 120) Dentre seus ingredientes em comum, tanto na receita preparada na botica da Bahia, quanto na de São Roque, havia *almacega do Brasil* (*Protium hpaphyllum*), acompanhada da advertência de que deveria estar em consistência pura e limpa. Além disso, o autor advertiu que:

a almacega posta de per si ao fogo tem perigo de se queimar, por isto se esta não for pura, será melhor derreter tudo junto, e depois coar todo o composto para ficar puro de qualquer immundicia, e estando ja frio se farão medalioens e se guardem para o uso. (*Ibidem*)

Outro medicamento produzido em boticas diferentes, mas com ingrediente comum da América foi a *Massa para Cezoens* oriunda das boticas dos Colégios do Rio de Janeiro, Macau e Santo Antônio. Entre *sais de losna* (*Artemises absinthium*), *xarope de roman azedo* (*Punica granatum*) e outros, a receita utilizou a *quina* (*Cinchona officinalis*), comumente denominada *pó dos jesuítas*, *pozes de farango ou querango*, em consistência de pó sutil<sup>9</sup>. Planta facilmente encontrada em áreas montanhosas da América central, como Bolívia, Costa Rica e Peru, mas também na África e Sudeste Asiático, foi exportada pelos jesuítas para o Velho Mundo, se constituindo em ingrediente para diversas receitas.

A *quinina* foi largamente utilizada no combate a males como febre, indigestão, doenças da boca e da garganta, tratamento da malária e câncer por sua propriedade febrífuga, antimalárica, tonificante, adstringente e cicatrizante, sendo, portanto, capaz de estimular as funções intestinais, gástricas e hepáticas<sup>10</sup>. Autores que se dedicaram ao estudo sobre a interação entre o colonizador e os nativos no que toca especificamente a medicina, ressaltaram haver controvérsia sobre o descobrimento da *quina do Peru*, sendo a versão mais conhecida proveniente da Província de Loja em 1636. (POLETTTO, 2013)

A descrição para a indicação desse medicamento era a mesma nas boticas do Rio de Janeiro e Macau, sinalizando o autor que sua serventia esteve atrelada a “toda a casta de febres,

que vem com frio, tomase pela manhã, e à tarde, ou em massa, ou desfeita em meia oitava de agoa de chicoria, ou almeirão na dose de [ilegível]”. (COLECCÃO DE VARIAS RECEITAS, 1766: 215) Já a descrição da botica do Colégio de Santo Antão foi mais específica destacando que “serve para terçans e quartans. A cura he toda a quantidade dita; tomara o doente todos os dias pela manhã em jejum hua porção athe se acabarem, mas no dia da vazão tomara taobem hua da porção depois da vazão: podese taobem tomar feita em pirola”. (*Ibidem*)

A *Agoa Othalmica Romana* foi outro medicamento que se destacou por se constituir em receita preparada em mais de uma botica jesuíta, no caso Recife e Macau, onde apareceu apenas com a denominação *Agoa Othalmica*. O medicamento servia, como o próprio nome sugeriu, para “qualquer bellida [ferida] ou inflamação dos olhos”, devendo ser utilizado como uma espécie de colírio várias vezes ao dia. (*Ibidem*, p. 22) Na receita da botica do Colégio do Recife havia ainda a advertência de que, após dissolver em almofariz o *quintilio*<sup>11</sup> em pó, *alcanfor*<sup>12</sup> e o *crystal mineral* com as diversas águas, (*rozada, de funcho* (*Foeniculum vulgare* Mill.), *de eufazema* (*Lavandula eufinallis*) e *de celidonio* (*Chelidonium majus* L.)), se deveria colocar o preparado no sol por um período de 20 dias, sacolejando o frasco duas vezes ao dia para que finalmente pudesse ser utilizado. Na receita da botica de Macau a instrução que chamou nossa atenção dizia respeito a necessidade de colocar a mistura preparada em “infuzas por oito dias, então se ponha a destilar em banho de Maria, e tendo destilado tres partes, se guarde o que esta no recipiente em vidro bem tapado, para uso”. (*Ibidem*, p. 36)

Encontramos ainda outras receitas e formas de preparo de medicamentos que tiveram o mercúrio (Hg), ou *azougue vivo*, como ingrediente principal. Esse metal líquido em temperatura ambiente e que pertencente ao grupo 12 era conhecido desde a Antiguidade. Os riscos à saúde mais associados ao seu uso foram descritos como dores e tremores pelo corpo, fraqueza muscular, inflamação e sangramento na gengiva, bem como mudanças de humor e agressividade. Na *Colecção de varias receitas* sua utilização se deu em outras duas formas, são elas: o *Mercurio Doce Lavado*, que além da *agoa regia* ou *forte*, levava em sua composição *agoa salgada* e deveria ser ingerido na forma de pílulas para:

provocar o fluxo da boca, também se applica exteriormente com muito bom sucesso mixto nas pomadas, as sarnas, tinha, empigens, herpes e demais corrupções da cutis. A sua quantidade he misturar em cada huma onça de pomada, ou unguento hua oitava destes pos. (*Ibidem*, p. 221-222)

E o *Mercurio Alkalissatus*. Nesta formulação o mesmo vinha acompanhado de *olhos de carangueijo* também chamado de *coral preparado* (carbonato de cálcio - CaCO<sub>3</sub>), considerado



ingrediente com alto poder de absorção indicado para o tratamento de problemas estomacais, de rins e bexigas. Porém, as páginas da obra careceram de informações sobre como conseguir ingrediente tão peculiar. O modo de preparo foi descrito com simplicidade, bastando misturar os ingredientes “athe que nada apareça do azougue”, sem necessidade de passar por processo de cozimento, devendo, em seguida, ser guardado em vidro bem tapado para utilização posterior. (*Ibidem*, p. 223)

Não encontramos também a virtude, ou seja, indicação, para qual essa receita possuía serventia como nas demais descrições.

Dentre alguns processos químicos, a *Colecção de varias receitas* descreveu o processo de produção da *Pedra infernal optima*, o nitrato de prata (AgNO<sub>3</sub>), da botica do Colégio da Bahia. Nesta receita, os ingredientes eram prata pura (Ag) e *agoa regia* ou *forte* e sua serventia se dava para “abrir fontes, para exterminar as verrugas, para consumir as carnes supérfluas e calozas das ulceras, e para outros semelhantes efeitos”. (TOMA, 2012: 270)

A *Calcinação do cobre* foi outro processo descrito que apareceu na *Colecção*, e junto com o *Chumbo queimado* se constituiu em medicamento de uso externo<sup>13</sup>. Nessa receita o autor destacou que:

Para se calcinar o cobre bem, se tomão algumas laminas de Me [ou Ne?], e depois de se fazerem finas com hu martello, se cortão co huma tizoura em muitas partes, as quais se hirão deitando dentro de hum cadinho camada das ditas partes, e camada de enxofar em pó [enxofre – S], assim se continuará athe estar cheio, advertindo que a primeira, e ultima camadas sempre hade ser de enxofar, e feito isto se tepará o cadinho com hum tijolo da grandeza da boca do mesmo, e a juntura se tepará barrandoa muito bem, o tijolo terá no meio hu buraquinho para por Me exalar alguns vapores, e então se meta em fornalha aberta, com fogo forte por espaço de trez horas, athe que não saia mais vapores, e depois se deixe esfriar tudo, e logo se tire de dentro do cadinho a materia que nelle estiver, e se faça em po, e se prepare na pedra em agoa ou vinagre, e depois de seco se guarde para uso. (*Ibidem*, p. 83-84)

Além dessas duas receitas em que os irmãos boticários lançavam mão de ingredientes químicos, encontrados na *Colecção de varias receitas* alguns outros medicamentos químicos, conforme Tabela 1:

Tabela 1: Relação medicamento, ingrediente químico e aplicação (virtude)

MEDICAMENTO	INGREDIENTE QUÍMICO	VIRTUDE
Caustico ou Massa optima contra cancros	Solimão em pó	Exterminar o cancro

Ethiope Mineral com fogo	Mercúrio vivo e flores de enxofar (Enxofre – S)	Matar lombrigas
Espirito de Mindereri	Sal volátil de amoníaco	Qualquer inflamação interna de febres
Emulsão optima contra polluçoens involuntárias	Sal de Chumbo	Polluçoens involuntaruias e noturnas
Oleo de ouro	Ouro	Feridas do peito, qualquer tumor escropulozo,
Panacea Mercurial	Calomelanos (Mercúrio – Hg) sublimados 12 vezes	Para toda a casta de gallico, obstruçoens, mal scorbutico, lombrigas, erpes e qualquer escoriação da cute
Pillulas Mercuriais	Mercurio doce	Purgar as enfermidades venéreas, nas obstruçoens, na melancolia, e em todas as demais enfermidades que procedem de humores [ilegível]
Pillulas contra obstruçoens gálicas e males da cabeça	Calomelanos (Mercúrio – Hg) e Tartaro vitriolado (Sulfato de Potássio)	Enfermidades gallicas e da cabeça
Pozes contra Asma, e optimo	Flor de enxofar (Enxofre – S)	Asma
Poz contra lombrigas	Mercurio dioforetico com fogo	Matar lombrigas
Poz anti-pleuriticos	Antimonio dioforetico	Qualquer casta de pleurizes e diffluxoens catarreas por mais rebeldes que seião
Tizania Laxativa Mompliacensis	Antimonio cru (Sb) e Azougue vivo (Hg)	Qualquer infecção gallica
Vinho Emetico	Antimonio em pó (Sb)	Apoplexia, paralezia, terçans e em todas as demais enfermidades que se necessita fazer vomitar e purgar
Unguento Caustico	Solimão em pó	Contra lobinhos (cisto cebácio)

Fonte: *Colecção de varias receitas*, 1766. Elaborada pela autora.

Ao longo do decurso da humanidade, os metais passaram a ser progressivamente inseridos na produção de medicamentos. Assim, se tornou comum durante a Época Moderna, por exemplo, que compostos de mercúrio (Hg) fossem utilizados externamente no tratamento de doenças dermatológicas e sífilis, ao passo que internamente seu uso se dava como substância

diurética. Já os derivados de arsênio (As) e de antimônio (Sb) eram mais apropriados para o tratamento dos diversos tipos de câncer e, mesmo para lepra.

Na produção desses compostos foi bastante comum a inserção de outros elementos químicos como ouro (Au), prata (Ag), cobre (Cu), ferro (Fe), chumbo (Pb) e estanho (Sn). (MAAR, 1999) Além disso, no mesmo período, houve o desenvolvimento de certa quantidade de remédios sintéticos como os sais de mercúrio, de antimônio e o sal de Glauber, entre outros. Bem como processos de isolamento e determinação estrutural de substâncias ativas através do estudo de plantas consagradas pelo uso popular e presentes em farmacopeias da época.

Dada a importância das plantas para a medicina da época, a química desenvolveu com esta uma estreita relação, o que permitiu um rápido aprofundamento de seus campos específicos. O século XVIII foi marcado, entre outros aspectos, pelo intenso debate acerca da natureza da combustão, abrindo espaço para que homens do cabedal de François Marie Arouet, mais conhecido como Voltaire (1694-1778) e Antoine Laurent de Lavoisier (1743-1794) formassem teorias explicativas sobre esse fenômeno. Nesse período, diversas substâncias ativas foram conhecidas e introduzidas nas terapêuticas de cura e produção de medicamentos, algumas permanecendo até os dias de hoje, conforme o caso dos alcaloides de *Cinchona* e de *Papaver*.

Apesar dos inicianos não apresentarem uma postura refratária quanto ao conhecimento das práticas realizadas pelos químicos, não podemos afirmar que se distanciassem da interpretação da doença em função do desequilíbrio de humores, de tradição hipocrático galena ou mesmo das ideias ambientalistas. Nesse sentido, a produção de medicamentos de origem mineral, derivados, sobretudo, de metais clássicos como, por exemplo, ouro (Au), prata (Ag), mercúrio (Hg), chumbo (Pb) e antimônio (Sb) e de não metais, como o Enxofre (S), desempenharam igualmente a função de restabelecer o equilíbrio do corpo humano.

### *Considerações finais*

O que se observa de tudo que foi exposto nesse artigo é que o cuidado com a saúde e o desenvolvimento de práticas médicas, seja pelo conhecimento do corpo humano, das moléstias ou pelo preparo de medicamentos promoveu uma íntima relação que ligou medicina e Igreja. Esta, enquanto locus de desenvolvimento de um saber de cunho farmacológico desde o medievo

se configurou na Época moderna, através da atuação de ordens religiosas, como a Companhia de Jesus, em importante produtora e divulgadora de atividade e conhecimento científico.

Assim, temos que as boticas jesuítas aliaram conhecimento e pesquisa, a ideia do saber fazer para saber curar, estimulada em muito pela empolgação promovida desde o Renascimento e da projeção do homem e suas descobertas a um novo patamar. Contudo, o conhecimento proveniente da manipulação da flora e fauna produziu um saber que mesclou o conhecimento europeu ao nativo e resultou em fórmulas apreciadas no Velho Mundo, despertando a cobiça de muitos por seu acesso. Nesse sentido, os jesuítas operando em rede, a partir da circulação de conhecimento, se fortaleceram de modo a nos permitir fazer a leitura desses espaços, para além de locais de produção e desenvolvimento científico, também como lócus de poder.

Em suas boticas, estivessem elas localizadas no Oriente, na Europa ou no Novo Mundo, os inicianos produziram ciência. A *Colecção de varias receitas* nos deu essa dimensão ao lançar luz sobre o desenvolvimento de um tipo de escrita, que se distanciou da perspectiva missionária, e guardou profundas relações com o desbravamento e conhecimento do mundo natural não em função da curiosidade ou necessidade. Além disso, em suas terapêuticas de cura, a partir da produção de medicamentos, foi permitido observar o processo de interação da medicina com a química, bastante comum ao longo do período estudado. Por fim, deve-se destacar que considerada também como parte da memória da Ordem, diante de um contexto de iminente dissolução, a obra analisada neste trabalho apontou para a diversidade de atuação dos jesuítas, marcando sua presença no mundo científico com uma contribuição que não pode e nem deve ser desprezada.

## **Referências Bibliográficas**

- AMARO, Ana Maria. A famosa Pedra Cordial de Goa ou de Gaspar António. *Revista de Cultura*. Macau, 1988/89.
- ASSUNÇÃO, Paulo de. *Negócios Jesuíticos: o cotidiano da administração dos bens divinos*. São Paulo: EdUSP, 2009.
- BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- CASTAÑEDA, Julio Vera. *La vida social de la botica del Colegio Máximo de San Miguel: apuntes sobre las prácticas farmacéuticas de los jesuitas en el reino de Chile (S. XVII – XVIII)*. Monografía. Santiago: Universidad de Chile, 2016.

*Colecção de várias receitas e segredos particulares da nossa Companhia de Portugal, da Índia, de Macau e do Brasil. Compostas e experimentadas pelos melhores médicos e boticários mais celebres que tem havido nestas Partes. Aumentada com alguns índices e notícias muito curiosas e necessárias para a boa direção e acerto contra as enfermidades.* Roma, MDCCLXVI.

*Constituições da Companhia de Jesus.* São Paulo: Edições Loyola, 1997.

COSTA, Affonso da. *Árvore da Vida dilatada em vistosos e salutíferos ramos ornados de muitas aprasíveis e saudáveis folhas em que se deixão ver muitos e singulares remedios assim simples como compostos, que a Arte, a experiencia, industria e a curiosidade descobrio para curar com facilidade quase todas as doenças e queixas a que o corpo humano está sujeito principalmente em terras distituidas de Medicos e Boticas.* Província de Goa, c. 1720.

DIAS, Jose Pedro Souza. Documentos sobre duas boticas da Companhia de Jesus em Lisboa: Colégio de Santo Antão e Casa Professa de São Roque. *Economia e Sociedade*, nº 88/89, Évora, 2009. (pp. 295-312)

FLECK, Eliane Cristina Deckmann. POLETTO, Roberto. Circulação e produção de saberes e práticas científicas na América meridional no século XVIII: uma análise do manuscrito *Materia medica missionera* de Pedro Montenegro (1710). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, out.-dez. 2012, p. 1121-1138.

\_\_\_\_\_. *Entre a caridade e a ciência: a prática missionária e científica da Companhia de Jesus (América platina, séculos XVII e XVIII).* São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2014.

LEITE, Serafim. *Artes e Ofícios dos Jesuítas no Brasil (1549 – 1760).* Lisboa: Brotéria, 1953.

\_\_\_\_\_. *Serviços de saúde da Companhia de Jesus no Brasil (1544-1760).* Lisboa: Typpografia do Porto, 1956.

\_\_\_\_\_. Os jesuítas no Brasil e a medicina. *Revista Petrus Nonius*. Lisboa, separata nº 1, 1956.

LEITE, Bruno M. B. “Verdes que em vosso tempo se mostrou. Das boticas jesuítas da província do Brasil, séculos XVII-XVIII”. In KURY, Lorelai [et al.]. *Usos e circulação de plantas no Brasil, séculos XVI a XIX.* Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson, 2013.

MAIA, Patrícia Albano. *Práticas terapêuticas jesuíticas no Império colonial português: medicamentos e boticas no século XVIII.* Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, 2012.

MESGRAVIS, Laima. *A santa casa de misericórdia de São Paulo (1599-1884): contribuição ao estudo da assistência social no Brasil.* São Paulo: Conselho Estadual Cultural, 1976.

MONTENEGRO, Pedro de. *Libro primero de la propiedad y birtudes de los arboles, plantas de las misiones y provincias de Tucuman, com algunas del Brasil e del Oriente,* obra de 1711.

POLETTO, Roberto. Descoberta de fármacos e produção literária: um estudo sobre a quina do Peru (séculos XVII e XVIII). In *Anais eletrônicos do XXVII Simpósio Nacional de História.* ANPUH: Natal, 2013.

RIBEIRO, Lourival. *Medicina no Brasil Colonial.* Rio de Janeiro: GB, 1971.

RODRIGUES, Lopes. *Anchieta e a Medicina.* Belo Horizonte: Edições Apollo, 1934.

SANTOS, Fernando Santiago dos. *As plantas brasileiras, os jesuítas e os indígenas do Brasil: história e ciência na Triaga Brasília (séculos XVII – XVIII).* Dissertação (Mestrado em História da Ciência) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2003.

SANTOS FILHO, Lycurgo. *História Geral da Medicina Brasileira.* São Paulo: HUCITEC, 1977.

TEIXEIRA, Alessandra dos Santos. *A farmacopéia jesuítica na América Portuguesa entre os séculos XVII e XVIII.* Dissertação (Mestrado em História Social), Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 2011.

TOMA, Henrique Eisi. *Elementos químicos e seus compostos.* São Paulo: Blucher, 2012.

---

<sup>1</sup> Para conhecer o quantitativo de irmãos enfermeiros atuantes no Brasil colônia ver Leite (1953), páginas 96-99.

---

<sup>2</sup> Para os cadernos manuscritos ver o artigo [AUTOCITAÇÃO]

<sup>3</sup> Esse manuscrito pode ser encontrado no acervo da Biblioteca Digital Hispânica em versão digitalizada no endereço <http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000042551&page=1> Acessado em janeiro de 2018.

<sup>4</sup> O referido documento possui como local de guarda a Biblioteca Nacional de Madri. Contudo, hoje é possível consultá-lo, em versão digital, na Biblioteca Virtual del Paraguay – BVP no endereço [http://www.portalguarani.com/.../15163\\_materia\\_medica\\_misionera\\_pedro\\_de\\_montenegro\\_.html](http://www.portalguarani.com/.../15163_materia_medica_misionera_pedro_de_montenegro_.html). Acessado em janeiro de 2018.

<sup>5</sup> A *pedra bezoar* desempenhou um papel de importância na história da medicina, uma vez que era considerada um antídoto universal contra todos os venenos. Seu uso se iniciou com os árabes, no século VIII, contudo, sua disseminação se deu na Renascença.

<sup>6</sup> *Sangue de dragão* foi o nome dado, em função da cor avermelhada, a seiva retirada da árvore Dragoeiro (*Dracaena draco* L.), comum em regiões da Amazônia, Peru e Equador e Colômbia. Sua utilização era bastante diversificada servindo como excelente cicatrizante, bem como para o tratamento de doenças de pele e de ação anti-inflamatória.

<sup>7</sup> A referida obra se encontra depositada no ARSI – *Arquivo Geral da Companhia de Jesus*, em Roma, pertencente ao fundo *Opera Nostrorum*.

<sup>8</sup> *Espinhela caída* era o nome dado na Bahia a doença que tem como característica forte dor na boca do estômago, nas costas e pernas, acompanhada de cansaço anormal, quando o indivíduo é submetido a esforço físico. Em Pernambuco é conhecida como *Peito aberto* ou *Arca caída*.

<sup>9</sup> *Quina*: Planta da família das Rubiáceas, também conhecida como *chichona vermelha*, *casca peruana* e *casca dos jesuítas*. Na porção espanhola da América a quina também era conhecida pela seguinte nomenclatura: *quinaquina*, *kin- kina*, *corteza peruviana*, *loja*, *chinachina*, *ó china- canna*, *corteza febril*, *genciana índica*, *antiquartanario peruviano* y *palo de calenturas*. Na verdade, quina é a casca que cobre o tronco e as ramificações dessa árvore. Existem várias espécies da família da Rubiáceas, tais espécies são ricas em quinino, indicado no tratamento da malária. Ver <http://www.plantasquecuram.com.br/ervas/quina.html#.WW5rcYjys2w>. Acessada em janeiro de 2018.

<sup>10</sup> Quinina: É um alcalóide de gosto amargo que tem funções antitérmica, antimalárica e analgésica, e fórmula química  $C_{20}H_{24}N_2O_2$

<sup>11</sup> Quintilio: é uma preparação de antimônio em pó.

<sup>12</sup> O alcanfor é extraído da *alcanforeira* (*Cinnamomum camphora*), usado sob forma de água ou álcool canforado.

<sup>13</sup> A calcinação é uma reação química de decomposição térmica. Esse processo consiste em submeter o material em questão a temperaturas elevadas (geralmente abaixo do ponto de fusão), podendo ser necessária a abstenção de ar atmosférico.